

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2023



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2023



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Revisão Editorial | Copy-Editing

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Investigadores História Antiga | Ancient History Researchers

Bruno Marques dos Santos, Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), João Paulo Galhano (Universidade de Lisboa), Maria Ana Vaidez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Bristol), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Treballe (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico), Sandra Boehringer (Université de Strasbourg).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), , Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), Francisco Salvador Ventura (Universidad de Granada), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Marta Pacheco Pinto (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Vasileios Balaskas (University of Malaga).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2023

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual



ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15.00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | <https://cadmo.letras.ulisboa.pt>



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to the Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 11 "INFERIOR PERO INDISPENSABLE, TEMIDA PERO TAMBIÉN, (...), DESEADA, E INCLUSO AMADA."

El peligro de lo femenino en la creación y consolidación de la comunidad de dioses y hombres

The danger of the Feminine in the creation and consolidation of the community of Gods and Men

Núria Llagüerri Pubill & Carmen Morenilla Talens

- 39 DESFAZENDO O TECIDO DE PENÉLOPE:
Cultura material, pesos de tear e a questão de gênero

UNDOING PENELOPE'S FABRIC:

Material culture, loom weights and gender studies

Arianna Esposito & Airton Pollini

61 ESTUDOS

ARTICLES

- 63 A ASCENSÃO E QUEDA DE UMA PRINCESA BABILÓNICA NO SÉCULO XIV A.C.:
Tawananna, de rainha a proscrita do Hatti

THE RISE AND FALL OF A BABYLONIAN PRINCESS IN THE 14TH CENTURY BCE:

Tawananna, from queen to outcast of the Hatti

Ana Satiro & Isabel Gomes de Almeida

- 83 VISÕES OITOCENTISTAS PORTUGUESAS SOBRE O ANTIGO EGÍPTO

NINETEENTH-CENTURY PORTUGUESE PERSPECTIVES ON ANCIENT EGYPT

João Paulo Simões Valério

- 109 REFLEXOS DE UMA CIVILIZAÇÃO:
Representações do Mundo Helénico em Espelhos Etruscos

REFLECTIONS OF A CIVILIZATION:

Representations of the Hellenic World in Etruscan Mirrors

Catarina dos Santos Madeira

129 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

155 RECENSÕES

REVIEWS

269 IN MEMORIAM

279 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES



**ESTUDOS
ARTICLES**

A ASCENSÃO E QUEDA DE UMA PRINCESA BABILÓNICA NO SÉCULO XIV A.C.:


Tawananna, de rainha a proscrita do Ḫatti

THE RISE AND FALL OF A BABYLONIAN PRINCESS IN THE 14TH CENTURY BCE:

Tawananna, from queen to outcast of the Ḫatti

Ana Satiro

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

aclsatiro@fcsh.unl.pt |  <https://orcid.org/0000-0002-6289-8552>

Isabel Gomes de Almeida

CHAM & DH, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

isalmeida@fcsh.unl.pt |  <https://orcid.org/0000-0001-5954-4959>

proposta: 06/03/2023 | aceitação: 05/06/2023
submission acceptance

Resumo: O casamento entre a filha do governante babilónico Burna Buriáš II e o rei hitita Šuppiluliuma I, realizado algures nos primeiros anos da segunda metade do século XIV a.C., permitiu a promoção daquela princesa no seio dos meandros da corte de Ḫattuša. Porém, poucas décadas depois, o seu enteado e novo governante, Muršili II, decretou a sua expulsão, após uma convivência tensa e um processo persecutório repleto de intrigas.

Com a discussão deste caso de estudo, pretendemos relacionar a autoridade e influência político-religiosa que esta mulher acumulou no Ḫatti com os motivos que levaram o seu enteado a enfrentá-la. Assim, e na linha das renovadas tendências historiográficas, que têm procurado revisitar o papel das mulheres nos diferentes contextos da antiguidade da Ásia Ocidental e do Mediterrâneo Oriental, esperamos contribuir para a discussão em curso sobre a agência feminina no sistema político-diplomático do Bronze final.

Palavras-chave: Ásia Ocidental, Bronze Final, Hititas, Babilónia, agência feminina, práticas mágicas.

Abstract: The marriage between the daughter of the Babylonian ruler Burna Buriáš II and the Hittite king Šuppiluliuma I, which took place sometime in the early years of the second half of the 14th century BCE, allowed for the promotion of that princess within the intricacies of the Ḫattuša court. However, a few decades later, her stepson and new ruler, Muršili II, decreed her expulsion, after a tense coexistence and a persecutory process filled with intrigue.

With the discussion of this case-study, we aim to relate the authority and political-religious influence that this woman accumulated in the Ḫatti to the reasons that led her stepson to confront her. Thus, and in line with renewed historiographical trends which have sought to revisit the role of women within the different ancient contexts of Western Asia and Eastern Mediterranean, we hope to contribute to the ongoing discussion on female agency in the political-diplomatic system of the Late Bronze Age.

Key-words: Western Asia, Late Bronze, Hittites, Babylon, female agency, magical practices

Introdução

O período do Bronze Final, compreendido entre os séculos XV e XIII a.C., foi marcado por intensas relações entre os poderes das regiões da Ásia Ocidental e do Mediterrâneo Oriental, dando origem a um sofisticado sistema diplomático.¹ Neste, e como atestado pelo rico *corpus* epistolar de Amarna,² os casamentos interdinásticos foram uma das ferramentas preferenciais usadas para consolidar laços entre potentados/casas reinantes, sendo as figuras femininas peças-chave nestas alianças. De facto, neste contexto, as filhas e irmãs dos governantes³ serviam um propósito estratégico valioso, já que não só garantiam o sucesso das relações pacíficas entre casas, como asseguravam a durabilidade das mesmas, através da linhagem gerada.⁴

Contudo, durante muito tempo, a historiografia tendeu a subalternizar a agência feminina nestas relações, algo que propostas académicas das últimas décadas têm procurado desconstruir.⁵ Há ainda, porém, muito caminho para ser trilhado no que diz respeito à análise da natureza das ações realizadas por estas mulheres, particularmente a relação das mesmas com outras figuras poderosas das

-
- 1 Este antigo sistema político-diplomático é, aliás, objeto de estudo dos investigadores de Ciência Política e Relações Internacionais. Sobre os contributos deste campo disciplinar veja-se, por exemplo, Teixeira e Scotelaro (2018). Por seu lado, os especialistas na História da Antiguidade da Ásia Ocidental e/ou do Mediterrâneo Oriental, como Liverani (2000) e Podany (2010), utilizam a designação de “Clube das Grandes Potências” para se referirem às relações específicas estabelecidas entre os potentados considerados mais fortes no período, já que se distinguem dos restantes poderes regionais/locais, a saber: Egito, Babilónia, Hatti, Mitani, Assíria e Chipre.
 - 2 O período do Bronze Final, nomeadamente o século XIV a.C., encontra-se excepcionalmente bem documentado graças ao acervo exumado no arqueossítio de Tell el-Amarna, antiga capital egípcia do governante Amenhotep IV, mais conhecido por Akhenaton (c. 1353-1336 a.C.). As diversas expedições arqueológicas ali conduzidas, a partir do século XIX, trouxeram à luz do dia não só um vasto arquivo epistolar, contendo correspondência trocada entre os governantes do país do Nilo e os seus congéneres do Mediterrâneo Oriental e das grandes potências, como também uma grande variedade de artefactos que corroboram a complexa e intensa rede de relações diplomáticas, culturais e comerciais do período (Liverani 2001, 2-4, Kaefer 2018, 121-40).
 - 3 Neste sistema diplomático, os governantes das já acima referidas “Grandes Potências” reconheciam-se como detendo estatuto equivalente (apesar das variações da situação político-militar, ao longo do tempo), em detrimento de outros líderes que, de alguma forma, lhes eram inferiores e, por isso, politicamente subordinados. Neste entendimento, nas fontes documentais surgem as expressões de “grande rei” (*šarru rabū*) e/ou “pequeno rei” (*šarru šibni*), conforme a relação hierárquica estabelecida. Estes soberanos estabeleciam entre si uma complexa rede de comunicações, trocas sistemáticas, e de alianças a vários níveis, que garantia uma manutenção mais estável e duradoura do referido sistema como um todo, diacronicamente (Liverani 2013, 280-2).
 - 4 Solvang 2003, 67.
 - 5 Desde o início do presente século, verifica-se um enorme contributo por parte dos investigadores que procuram mitigar a ideia de que as figuras femininas dos vários contextos da antiguidade eram apenas peças de um jogo político controlado por homens; e/ou meros símbolos de alianças internacionais, enviados e trocados entre as distintas cortes. São desta situação exemplo os trabalhos de Bahrani (2001), Chavalas (2014), Svärd (2015), Budin e Turfa (2016), Stol (2016), Juste e Garcia-Ventura (2018) ou Charpin (2019). Sobre o mundo hitita, do qual nos ocupamos neste artigo, veja-se especificamente o contributo de Collins (2016, 329-41), que analisa o poder e controlo de agentes femininos no âmbito económico dos cultos religiosos.

cortes às quais chegavam, para além dos seus maridos. De facto, o impacto que estas geravam, assim como as reações que suscitavam nestes círculos de poder revelam contornos complexos e interessantíssimos.

Neste âmbito, propomos olhar para um caso específico no cenário deste sistema político-diplomático: o de uma princesa babilónica tornada rainha do Ḫatti, por via do seu casamento, cujo poder acumulado terá espoletado um conflito profundo com o seu enteado e futuro governante. Este, já entronizado, recorreu a procedimentos legais, acusando-a de práticas mágico-medicinais malévolas que resultaram na morte da sua própria esposa, com vista a destituí-la do seu ofício. Embora tal enredo acusatório contra membros femininos da família real não tenha sido único no mundo do Ḫatti, a narrativa de justificação que foi urdida para este caso, dota-o de uma natureza singular no panorama político da Ásia Ocidental do II milénio a.C.⁶

Falamos de Tawananna, filha do governante babilónico Burna-Buriaš II (c. 1359-1333 a.C.) que se casou com o monarca hitita Šuppiluliuma I (c. 1350-1322 a.C.) e que se digladiou com o seu filho, Muršili II (c. 1321-1295 a.C.). Não tendo o seu nome próprio sido ainda identificado,⁷ a expressão pela qual é designada na documentação coeva – *tawananna* - servia simultaneamente para designar um prestigioso cargo na corte hitita, ocupado pela esposa principal do governante e/ou pela rainha-mãe.⁸ Assim, parece que o seu cargo e identidade pessoal se misturaram, quiçá numa manifestação calculada para evidenciar o seu

6 Arbeli 1988, 83. Como adiante analisaremos, Muršili II descreveu todo este processo em três documentos que endereçou às divindades, inseridos na coletânea conhecida como *Catalogue des textes hittites* (doravante *CTH*), nomeadamente *CTH 70*, *CTH 71* e *CTH 380*. À exceção de uma passagem devidamente assinalada, seguimos a tradução para inglês dos mesmos proposta em Singer e Hoffner (2002, 71–78).

7 Em estudos mais antigos, esta mulher era frequentemente referida pelo nome próprio de “Malignal”, levando em consideração a impressão de um selo identificada em Ugarit, onde o título de *tawananna* se fazia acompanhar de outros signos cuneiformes, que foram traduzidos pelo referido nome. No entanto, dados exumados, durante a década de 1990, no arquivo de Nişantepe, nas ruínas da antiga Ḫattuša, desconstruíram esta hipótese, pelo que o seu nome próprio é ainda desconhecido. Sobre esta questão, veja-se Herbordt, Bawanypeck e Hawkins (2011, 85–102).

Ao longo deste artigo, e para diferenciar o título/cargo da identidade da nossa protagonista, optámos por grafar o primeiro recorrendo a minúsculas e em itálico.

8 Segundo Bin-Nun (1975, 102, 106), este título já aparecia no período anterior, tradicionalmente designado como Reino Antigo (séculos XVII-XVI a.C.), embora pudesse ser detido por outras mulheres que não a esposa principal e/ou rainha-mãe. Por exemplo, a primeira mulher da qual se tem conhecimento que deteve esta titulação foi a tia do governante Ḫattušili I (1650–1620 a.C.) (Bryce 2018, 197). Contudo, como Bryce (1999, 96) indica, em reinados posteriores e particularmente ao longo do Reino Novo (séculos XV-XIII), a atribuição do título devia-se sobretudo à relação privilegiada e íntima que era mantida com o governante. Note-se ainda que, segundo os costumes hititas, as detentoras deste título mantinham-no, assim como aos privilégios a ele inerentes, até ao fim das suas vidas, mesmo após a morte dos seus esposos.

importante papel e influência política no panorama da corte hitita. Como mais adiante veremos, tal peso não parece ter sido bem aceite por Muršili II, que engendrou uma complexa trama, repleta de suspeitas e de graves acusações, com vista a votá-la ao ostracismo e, assim, anular o seu poder e ascendência em Ḫattuša.

Antes de focarmos a nossa atenção nos principais acontecimentos que pautaram a sua queda, importa, porém, começar por contextualizar a sua trajetória política até se afirmar como uma das mulheres mais influentes do Ḫatti.

De princesa babilónica a rainha do Ḫatti – a afirmação do poder de Tawananna

Embora os relatos sobre os casamentos reais tenham sobrevivido de forma muito fragmentada, tanto na tradição textual hitita como na babilónica, vários dados fundamentais sobre a época em que se deu o matrimónio de Tawananna com Šuppiluliuma I chegaram ao presente. Recordando a importância destas ligações interdinásticas para a afirmação dos potentados, no palco internacional, devemos sublinhar que a estreita ligação com o poder babilónico se revelava como estratégica para o Ḫatti, num momento de particular rivalidade com o reino hurrita do Mitani. De facto, pensa-se que o casamento terá acontecido algures na década de 1340 a.C., sendo contemporâneo de uma primeira campanha militar de Šuppiluliuma I contra as forças do governante mitânico Šattiwaza. Sublinhe-se que esta ação inaugurou um período de fortes hostilidades entre os dois potentados, culminando, algum tempo depois, no desencadear de um conflito bélico mais lato, tradicionalmente designado por “Guerra Hurrita”.⁹

Neste clima e geopolítica, a ligação de Šuppiluliuma I à família real babilónica garantia-lhe que esta o apoiava (ou, pelo menos, assumiria neutralidade) no âmbito

9 Santos 2017, 9. A duração deste conflito bélico é ainda alvo de grande debate, já que a maioria dos autores apresentam propostas de cronologias diferentes. Se, por um lado, é geralmente aceite que o conflito cessou perto do ano da morte de Šuppiluliuma I, isto é c. 1322 a.C., a data do seu início já é mais problemática. Alguns autores postulam uma duração de seis anos (Bryce 1989, 27), enquanto outros consideram que este número já inclui a duração do tempo em que o exército hitita lutou pelo domínio da região síria. (Parker 2002, 55; Klinger 2006, 318). Veja-se ainda alternativas mais recentes quanto à sua datação em Stavi (2011, 266-325) e Cordani (2011; 2013).

das conturbadas relações que detinha com o Mitani. Por seu lado, Burna-Buriaš II, que não demonstrou grande interesse em investir militarmente a oeste do rio Eufrates, garantia que as operações militares hititas não se estenderiam ao seu território, sendo que, num eventual ataque das forças mitânicas, esperava igualmente contar com o apoio do seu genro.¹⁰ Assim, benéfico para ambas as casas-reinantes, o acordo de casamento foi então negociado e firmado.

Ora, um dos aspetos interessantes do mesmo é que, e segundo Leick,¹¹ o poder babilónico exigia que Šuppiluliuma I reconhecesse a princesa com o título de *tawananna* conferindo-lhe *a priori* o poder e protagonismo de esposa principal. Encontrando-se o governante hitita já casado com Henti,¹² que era igualmente mãe dos seus cinco filhos, incluindo de Arnuwanda II e de Muršili II, que lhe sucederiam, tal exigência obrigaria à promoção da noiva babilónica, em detrimento daquela.¹³ As expectativas político-militares da aliança com a casa real da Babilónia terão, certamente, influenciado a aceitação desta condição, o que de uma forma ou de outra enfraquecia a posição de Henti, que rapidamente parece ter saído da cena política de Ḫattuša, em circunstâncias ainda por melhor esclarecer.¹⁴ Mas, e independentemente dos últimos tempos desta mulher na corte hitita, ao que tudo

10 Leick 2009, 505–6.

11 Leick 2009, 505.

12 Ainda subsistem muitas dúvidas relativamente à vida da primeira mulher de Šuppiluliuma I. A escassez documental sobre ela impede que se perceba se deteria também o título de *tawananna*. Porém, enquanto esposa do governante e mãe do príncipe-herdeiro, seria lógico que tal tivesse ocorrido, mesmo que por pouco tempo. Sobre a identidade e vida de Henti veja-se De Martino (2013, 65–74).

13 É possível identificar dinâmicas semelhantes em várias cortes da antiguidade, já que a hierarquia da população feminina que vivia no palácio era condicionada tanto pelo estatuto político-diplomático que cada mulher detinha, como pela proximidade ao monarca, em dado momento. Neste sentido, a mobilidade nesta hierarquia era algo bastante recorrente, dadas as expectáveis (ou até mesmo inevitáveis) alterações da relação com o governante, resultantes de múltiplos fatores que em muito ultrapassavam os afetos/desejos íntimos do mesmo. Falamos, claro está, de movimentações no seio dos grupos de pressão presentes na corte, norteados por questões de sucessão e/ou de alianças de natureza variada, tanto com agentes/poderes internos como externos (Solvang 2003, 19–20).

14 Bryce (1999, 159–61) postula a possibilidade de que esta tenha sido exilada num momento em que Tawananna já estava na corte hitita, considerando o seguinte excerto de um documento datado já do reinado de Muršili II: “And while my father [was] (still) alive, [so-and-so...], and because (s)he [became hostile] to my mother, [...] he dispatched him/her to the land of A..iyawa beside the sea” (*Keilschriftkunden aus Boghazköi*, doravante *KUB*, 14.2, Vs. III–V). Para uma tradução mais recente deste documento, veja-se Beckman, Bryce e Cline (2011, 159–60).

Embora esta referência possa ter sido condicionada pelas más relações, entretanto desenvolvidas, entre enteado e madrastra, existe um outro documento que faz referência a ambas as esposas de Šuppiluliuma I, apontando para a existência de um período de inevitável convivência das duas mulheres na corte: “[The queen] sacrifices to the Sun Goddess of Arinna as follows: (...) one lamb is for the Sun Goddess of Arinna of Ḫenti, and one lamb is for the Sun Goddess of Arinna of Tawananna” (*KUB* 25.14 i 29–30). Sendo este texto relativo às oferendas realizadas no âmbito do festival *nuntarriyašhaš*, note-se como a princesa babilónica aparece referenciada como detendo já o título que lhe conferia superioridade sobre Henti. Veja-se o referido documento completo em Nakamura *apud* Moore (2018, 29–30). Sobre o festival *nuntarriyašhaš* veja-se Taracha (2009, 140–1).

indica Burna-Buriaš II tentou assegurar que a sua filha assumisse, desde logo, um lugar de destaque político, enquanto rainha do Ḫatti. E, de facto, por volta de 1340 a.C., Tawananna já ocuparia este cargo em pleno, dado que o seu selo real surge, em conjunto com o de Šuppiluliuma I, na documentação que firma a aliança política do Ḫatti com o governante de Ugarit, Niqmaddu II.¹⁵

Paralelamente, a natureza religiosa do título de *tawananna*¹⁶ acarretava que, pelo menos desde o início do século XV a.C., a sua detentora assumisse, em conjunto com o governante, as responsabilidades do culto ao par divino primordial Teššub e Arinna,¹⁷ que se encontrava no topo da hierarquia do panteão hitita. Ora, também a partir do mesmo período, a associação de Arinna à realeza e ao poder governativo foi aprofundada¹⁸ o que, naturalmente, adensou a legitimidade da ação política da sua suma-sacerdotisa.¹⁹ Deste modo, sugerimos que também este dado terá sido considerado para a referida exigência de Burna-Buriaš II, nas negociações do matrimónio da sua filha com o rei hitita. E assim, aquando da sua chegada a Ḫattuša, Tawananna seria, sem qualquer dúvida, uma mulher com uma influência e raio de ação político-religioso impressionante.²⁰

Por seu lado, De Martino (2013, 71-75), evocando a natureza fragmentária das fontes e mesmo a ausência de referências a um possível exílio de Henti, prefere aventar que o seu desaparecimento abrupto na documentação estaria antes relacionado com uma morte prematura.

15 De Martino (2013, 71-75).

16 Bin-Nun (1975, 158) afirma, aliás, que o cargo seria originalmente de natureza exclusivamente religiosa, algo patente na manutenção das obrigações cúllicas aquando da progressiva dilatação de responsabilidades para outras esferas de natureza política, social e económica.

17 Gilan 2011, 278. Arinna, deusa-sol, surge pela primeira vez atestada no Reino Antigo, nos anais do já referido Ḫattušili I, tendo-se tornado, paulatinamente, numa divindade transversal ao Ḫatti, em conjunto com o seu consorte, o deus-tempestade/clima, Teššub. Enquanto divindade solar, Arinna assumia também uma natureza ctónica, dada a permanência deste astro no mundo subterrâneo, durante a noite. Eram-lhe ainda atribuídas qualidades mágico-ritualísticas (Leick 1991, 155).

18 Um documento datado do reinado de Ḫattušili III, por exemplo, atesta a importância da deusa nesta vertente, da seguinte forma: “Queen of the Land of Hatti, Queen of Heaven and Earth, Mistress of the kings and queens of the Land of Hatti, directing the government of the King and Queen of Hatti.” (*KUB XXI 19; CTH 383*, i 1–5). Veja-se a tradução deste documento em Gurney *apud* Bryce (2004, 143).

19 Solvang 2013, 41.

20 Devemos ainda indicar um outro título religioso que Tawananna recebeu e que reforçou este seu poder: *šimanzanna* que se pode traduzir por “mãe de divindade”. Esta designação correspondia também a uma categoria sacerdotal feminina de destaque na tradição hitita, sendo que as mulheres que a integravam eram igualmente reconhecidas como especialistas de cura (Mouton 2012, 322). Bin-Nun (1975, 190-3) sugeriu que as rainhas hititas que assumiram este título detinham a função de supervisionar as sacerdotisas pertencentes a esta categoria, o que exigiria um contacto regular com os vários templos onde as mesmas oficiassem. Paralelamente, e recordando o perpétuo jogo de espelhos entre mundos divino e terreno, aventamos a hipótese de que este título também podia servir para que as suas detentoras humanas evocassem as qualidades divinas arquetípicas maternas (talvez até da própria Arinna, deusa que detinha este papel na ideologia real hitita, afirmando-se como mãe divina do governante). Repare-se ainda como apenas Tawananna e Danu-ḫepa, a segunda esposa de Muršili II (que também assumiu o título de *tawananna*) surgem mencionadas nos registos hititas com este título sacerdotal (Bin-Nun 1975, 190).

Não é então de estranhar que esta tenha assumido a responsabilidade de supervisionar não só os espaços reservados às mulheres, tradicionalmente geridos pelas rainhas, mas também a própria administração geral do palácio real.²¹ A dado momento, e decorrente da ausência constante do seu marido em atividades militares além-fronteiras, a administração dos assuntos régios foi-lhe também confiada, o que lhe garantiu autoridade sobre os principais funcionários e dignitários hititas e, conseqüentemente, influência nos assuntos internos do território.²²

No que diz respeito à política externa, e embora a ação de Šuppiluliuma I fosse aquela considerada como detendo a legitimidade decisória, é curioso notar que Tawananna também foi sendo chamada para certas questões. A título de exemplo, atente-se à inscrição contida no documento que celebra o tratado entre o Hatti e Ugarit, atrás mencionado, e que contém os selos do casal real hitita: “Seal of Suppiluliuma, the Great King, King of the Land of Hatti, beloved of the Storm God; seal of Tawananna, the Great Queen, Daughter of the King of Babylon”.²³

Note-se como aqui Tawananna não só é reconhecida como “Grande Rainha”, o que lhe confere uma posição de co-governante, a par do seu marido, como também é sublinhada a sua ascendência familiar, o que aponta para a importância e prestígio da sua figura enquanto membro representante de outra grande potência da época.

Perante estas evidências, consideramos que ao longo do seu casamento Tawananna se tornou, paulatinamente, a outra face do poder real hitita, e que a manutenção de tal poderio representava um obstáculo à afirmação do improvável sucessor ao trono, Muršili II.

21 Collins 2012, 99.

22 Leick 2009, 506. A sua agência política é particularmente notória nas impressões de selos *bullae* em documentos exumados no já referido arquivo de Nişantepe, na capital hitita. Dos cerca de 2100 selos identificados como pertencentes a reis e rainhas hititas do Reino Novo (Yener, Hoffner et Dhesi 2002, 53) 5,51% eram de Tawananna, o que a torna a terceira rainha mais bem representada neste espólio. Deve ainda ser sublinhado que para além do uso individual dos seus selos, que manifestam o valor da sua autoridade e podem até apontar para alguma autonomia decisória, os selos da rainha acompanham 85% dos documentos contendo selos de Šuppiluliuma I. De igual forma, é interessante notar que esta agência não se esgotou com a morte do seu esposo, já que documentos datados dos reinados dos seus dois enteados incluem o seu selo, em conjunto com os dos novos governantes. Acerca destes dados, confira-se o estudo de Bawanypeck (2007) e especialmente a tabela de distribuição que apresenta.

23 Leick 2009, 505.

De rainha reinante a proscrita – o processo persecutório de Tawananna

De facto, este segundo filho assumiu a governança do Hatti após as mortes inesperadas tanto do seu pai, como do seu irmão e legítimo sucessor, Arnuwanda II,²⁴ ambos vitimados pela peste. Perante este trágico imprevisto, e não tendo sido preparado para o trono, é possível que a sua autoridade estivesse algo enfraquecida, o que explicaria a necessidade de consolidar alianças político-diplomáticas, mas também de anular ameaças e/ou possíveis figuras intrusivas, na primeira década do seu reinado. Nesta linha, a detentora do título de *tawananna*, cuja natureza vitalícia do mesmo lhe permitia acumular um vasto poder, assumia-se como uma opositora óbvia.²⁵ Assim, sugerimos que as tensões e confrontos que se verificaram com a sua madrasta decorreram, em primeiro lugar, da necessidade que Muršili II sentiu em afirmar a sua própria legitimidade governativa.

No entanto, e nos documentos que endereçou aos deuses onde o processo que moveu contra a madrasta é descrito, o governante começa por frisar que não houve nenhuma tentativa, por parte dele nem do seu irmão Arnuwanda II, de restringir o poder de Tawananna, embora fique implícito que considerava que a mesma detinha uma forte (e perigosa?) ascendência sobre os seus antecessores:

24 Note-se aliás, que Arnuwanda II ocupou o trono apenas por breves momentos, tendo ascendido em 1322 a.C., aquando da morte do pai, mas sucumbido à mesma peste no ano seguinte.

25 Nesta linha, deve ser sublinhado que existiram outros casos de problemas graves entre monarcas e mulheres preponderantes na corte, nomeadamente as detentoras deste título. Um primeiro exemplo, bastante anterior ao que nos encontramos a analisar, diz respeito à irmã de Hattušili I, que também assumiu esta titulação. Segundo o testamento deste governante, esta mulher foi acusada, assim como a sua filha, de instigar uma rebelião contra ele, algo que promoveu um clima de hostilidade, suspeitas e mesmos conflitos armados na corte hitita. Ambas não só foram expulsas da capital, com todos os seus bens confiscados, como foram vetadas à *damnatio memoriae*, já que se decretou a proibição de se mencionar o seu nome e o da sua descendência: “In future let no-one speak the tawananna’s name... Let no-one speak the names of her sons or her daughters. If any of the sons of Hatti speaks them they shall cut his throat and hang him in his gate. If among my subjects anyone speaks their names he shall no longer be my subject. They shall cut his throat and hang him in his gate.” *CTH 6 iii 64–73* (Bryce 2005, 93).

Curiosamente, e depois dos eventos alvo de análise neste artigo, a segunda esposa do próprio Muršili II, Danu-ḥepa, desenvolveu fortes tensões com o sucessor do marido e filho da sua primeira esposa, Muwattalli II (c. 1295–1272 a.C.), no âmbito da sucessão deste. Depois de aparentemente reivindicar o direito ao trono de um dos seus próprios filhos, em detrimento do príncipe herdeiro escolhido por Muwattalli II, este acusou-a de praticar atos de profanação, num processo que culminou na sua expulsão de Hattuša, em conjunto com os seus filhos e restante séquito (Bryce 2005, 242-5; 2018, 200). De facto, e como Bin-Nun (1975, 189) há muito sintetizou, “whenever a Hittite queen remained in office after the death of her partner, trouble began in her relation with the new king.”

As [she had governed the palace] and the land of Hatti during the reign of my father, in that same way she governed them [during the reign of my brother.] And when my brother [died (...), I also did not harm] Tawananna at all, nor did I [curtail] her [power] in any way . . . The privilege [and rights(?)] that she had [at the time] of her husband, and that which was forbidden to her [at the time of her husband, I did not change at all(?)]. And the privileges and rights(?) she carried on. As with her man [she had ruled Hatti] (*CTH 70* §2 i 5'-17').²⁶

Muršili II vai, a partir de então, intensificar o seu discurso, expondo uma série de crimes alegadamente cometidos pela madrasta, especialmente no âmbito dos seus ofícios religiosos. Em primeiro lugar, começa por apontar os seus gastos extravagantes assim como uma distribuição incorreta de bens e recursos pertencentes ao palácio hitita, com vista a enriquecer a sua própria clientela.²⁷ Seguidamente, faz uma curiosa menção a um 'elemento' misterioso que Tawananna teria trazido da Babilónia: "This she let come from Shanhara (Babylon), and that she handed over in Hatti to the entire population, and she left nothing" (*CTH 70* §3, ii 3'-iii 3).²⁸

Uma vez que o governante hitita não desenvolveu sobre a natureza específica deste 'elemento', várias foram as hipóteses avançadas pelos académicos ao longo do tempo sobre a mesma: que, por exemplo, se referia ao seu opulento dote (do qual parte teria sido enviada de volta para a sua família,²⁹ e outra parte teria sido usada para adquirir influência na corte);³⁰ que seriam as estátuas dos seus ancestrais;³¹ que se referiria a costumes/tradições babilónicas que implementou no reino e que não teriam sido do agrado da maioria dos membros da corte;³² ou ainda que seriam práticas mágicas específicas da sua terra natal, que poderiam ser usadas para causar problemas a outrem.³³

26 Singer et Hoffner 2002, 75.

27 "Do you, O gods, not see how she has turned all my father's estate over to the *bekur*-house of the Protective god, the Stone House of the gods? . . . She destroyed my father's estate." *CTH 70* §3' ii 3'-iii 3 (Singer et Hoffner 2002, 75-76). Repare-se como o monarca hitita refere ainda como a base de poder de Tawananna se encontrava na *bekur-casa* (que se pode traduzir por "casa de pedra"), uma instituição cúlta que poderia funcionar como mausoléu real e que gozava de certos privilégios económicos. Acerca dos usos e relevância desta instituição, veja-se Van Den Hout (1994, 48-53).

28 Singer et Hoffner 2002, 75.

29 Melchert 1977, 358.

30 Singer et Hoffner 2002, 4.

31 Bin-Nun 1975, 189.

32 Bryce 2005, 207.

33 Strauß 2006, 214.

Mais recentemente, Miller propôs uma renovada tradução para a referida passagem, que aponta antes para um gasto excessivo de Tawananna, ameaçando esvaziar os cofres reais, enviando até bens hititas para a Babilónia.³⁴ Embora estas acusações tenham de ser entendidas à luz da própria natureza do documento, onde Muršili II procurou justificar perante os deuses o porquê da sua posição contra a madrastra, devemos admitir que este procuraria argumentos que, de alguma forma, fossem verosímeis, para melhor legitimar as suas ações. Como tal, sugerimos que nesta referência se encontra implícita a ideia de que Tawananna teria sempre conservado um contacto estreito e duradouro com a sua família, mantendo-se assim, de uma forma ou de outra, como agente babilónica. Neste sentido, e dado que tinha conhecimento que os herdeiros ao trono seriam os filhos de Henti (e não os seus), podemos aventar a possibilidade que existiria uma perceção/ /suspeita de que os interesses e ambições desta princesa babilónica nunca residiram exclusivamente em Hattuša.³⁵

Independentemente destas variadas hipóteses, é interessante notar que após sublinhar o alegado peculato da madrastra, Muršili II insistiu em se apresentar como um monarca complacente e respeitador da sua figura: “Even then I did not say anything to her and therefore I set it aright. She shuts up mouths. Even that which was not yet done she gave away” (*CTH 70* §3’ ii 3’-iii 3).³⁶

De facto, a associação do seu nome com o de Tawananna em várias impressões de selos durante os primeiros anos do seu governo é indicativa de que a mesma manteve o seu estatuto, independentemente de já existirem tensões familiares. Importa recordar, contudo, que o início do reinado de Muršili II foi marcado por longas ausências da capital,³⁷ em campanhas militares, o que naturalmente condicionou a sua capacidade de agir e anular a influência da sua madrastra na corte.

34 “She (re)moved part (of the goods) to Shanhara, part she gave away to the population in Hattusa.” (Miller 2014, 547).

35 Miller 2017, 111. Neste âmbito, e acreditando nas acusações de desvio de bens/recursos hititas para a Babilónia, podemos supor que Tawananna poderia até estar a tentar garantir apoios para eventualmente ali regressar e se instalar.

36 Singer et Hoffner 2002, 75-76. Em estudos mais antigos, como o de Bin-Nun (1975, 186-7), foi sugerida a ligação entre a frase “she shuts up mouths” e o distúrbio médico que aparentemente atingiu Muršili II, que, a dado momento, e apenas durante algum tempo, parece ter perdido a capacidade de falar. No entanto, atualmente a maioria dos autores rejeita esta hipótese, considerando antes que a frase se refere aos subornos e a outras ações de Tawananna, com vista a granjear apoios dos membros de grupos influentes da corte hitita (Singer et Hoffner 2002, 79).

37 Bryce, 1999, 208.

Nos parágrafos seguintes, porém, o governante hitita agrava o seu discurso, concentrando a argumentação em certas reações da sua madrasta, em dois eventos particulares. O primeiro episódio evocado teria ocorrido durante o seu nono ano de reinado e estaria relacionado com um boato que indiciava Tawananna, ou um seu agente, no furto de prata, algures na região de Aštata.³⁸ No rescaldo de uma intrincada trama no apuramento de responsabilidades, Tawananna foi exonerada deste crime, tendo a esposa de Muršili II, Gaššuliyawiya, sido comprometida no seu lugar.³⁹ O governante hitita enfatiza, então, que mesmo perante este resultado, a sua madrasta não ficou satisfeita, interpelando continuamente a deusa Išhara,⁴⁰ suplicando-lhe que esta o amaldiçoasse, assim como à sua família:

Goddess, [it isn't] I who have that [silver] . . . [Don't] you seize his wife and his children? Instead, you seize me, the innocent one. Seize him or seize his wife and his children! But don't seize me . . . And the queen continually cursed me, my wife, and my son before Ishara. She continually sacrificed against us. Because of this my wife died (CTH 70 §6, iv. 17–23).⁴¹

Note-se que já neste trecho o governante hitita atribui a culpa da morte da sua própria esposa à madrasta, mencionando como a mesma fez uso da sua influência junto de Išhara para solicitar uma ação violenta desta contra Gaššuliyawiya. No segundo episódio que evoca, que terá decorrido no seu décimo ano de reinado, enquanto estava fora de Hattuša em campanha militar, Muršili II vai

38 Bin-Nun (1975, 184-5) recorda que seria fácil a Tawananna aceder aos tesouros das estruturas celtas do Hatti, já que enquanto *šivanzanna* teria necessariamente de supervisionar vários templos, como acima referido. O autor foi ainda mais longe, propondo que a rainha estaria preocupada em arrecadar matérias preciosas para completar os trabalhos em curso para a edificação de uma estátua a si dedicada. Porém, o estado fragmentário da passagem impede que se confirme tal proposta.

39 Atente-se para a possibilidade de já existirem algumas fricções na relação entre estas duas mulheres, nomeadamente com a atribuição do título de “Grande Rainha” a Gaššuliyawiya, conforme atestado no centro anverso de um selo em formato cruciforme, onde surge referenciada em conjunto com o marido. Embora se desconheça a data exata da produção deste selo, Bryce (2005, 209-10) considera que Gaššuliyawiya recebeu o título ainda durante a sua vida, enquanto Tawananna também o detinha, o que pode ter contribuído para algum acirrar das rivalidades entre ambas. Miller (2014, 549), por seu turno, e interpretando a mesma documentação, argumenta que só postumamente, e após o exílio ou mesmo morte de Tawananna, Muršili II concedeu o título à primeira esposa (e antes de contrair matrimónio com a segunda).

40 Išhara surge pela primeira vez em textos pré-sargónicos exumados na cidade de Ebla, tendo-se tornado, ao longo do tempo, uma das divindades femininas mais importantes do panteão hurrita. A partir daí, terá sido incorporada no panteão hitita, com o epicentro do seu culto na região de Quizuatna. Na Mesopotâmia, é considerada uma hipóstase de Inanna/Ištar, cujo epíteto principal, “Bēlēt rām” (que se pode traduzir por “Senhora do Amor”), também lhe é atribuído. O seu animal-símbolo, o escorpião, aponta igualmente para uma associação ao mundo subterrâneo, que no mundo mesopotâmico estava profundamente ligado ao plano dos mortos. Por outro lado, Išhara assume-se também como uma deusa ligada à saúde, ao surgir como responsável pelo lançamento de doenças, mas também pela sua cura (Leick, 1991, 94-95, Black et Green 1992, 110).

41 Singer et Hoffner 2002, 77.

mais longe, acusando-a de ter interpretado um presságio solar que lhe era dirigido de forma negativa:

This omen which the Sungod gave, [what did it] predict? Did it not predict the king's death? If [it predicted that, will the people(?) of Hatti [seek someone] else for lordship? Will they [join(?)] lady Amminnaya and [the son(?) of Amminnaya? (*CTH 70 §7' iv 24–37*).⁴²

A gravidade da interpretação de Tawananna, que não só indicava que a divindade solar tinha determinado a morte iminente do seu enteado, como ainda sugeria a ascensão ao trono de um outro indivíduo, que não o filho do rei, acabava por reforçar os argumentos anteriormente usados neste documento de que esta mulher procurava afincadamente enfraquecer Muršili II. Note-se aliás que a referência a uma errónea interpretação de um presságio solar implicava ainda que Tawananna estaria a abusar da sua posição como suma-sacerdotisa de Arinna e, como tal, de interlocutora preferencial dos deuses.

Claramente elaborando uma argumentação meticulosa e cuidada, que recorre a um ritmo em crescendo, nos parágrafos seguintes o tom é adensado. O governante hitita passa então a descrever como a sua esposa foi avisada por uma serva do palácio, aquando do acometimento de uma doença súbita e misteriosa para a qual não encontravam cura,⁴³ de que Tawananna estaria a fazer uso de magia contra si,⁴⁴ explicando-se desta forma a origem e natureza da sua estranha maleita. Tal intriga, conforme sublinha o governante hitita, não foi acolhida por Gaššuliyawiya, que terá expulsado de imediato a serva, por conspirar contra Tawa-

42 Singer et Hoffner 2002, 77. A identidade de Amminnaya ainda é alvo de grande debate. Van Den Hout (1998, 44) sugere que se trata do nome pessoal de Tawananna, enquanto Bin-Nun (1975, 247) argumenta que seria a antiga esposa de Arnuwanda II, cuja descendência podia representar uma ameaça para Muršili II. Mais recentemente, Haas (2008, 85) levantou a hipótese de se referir a uma filha de Tawananna e de Šuppiluliuma I, embora não tenhamos qualquer registo de geração de descendência deste casal.

43 De forma grave, o soberano informa que chegou mesmo a oferecer presentes (animais e comida) à deusa Lelwani, juntamente com uma outra mulher que atuaria como substituta da sua esposa, na expectativa de que a doença fosse, assim, anulada: “I herewith send you [my/an] adorned substitute. Compared to me she is excellent: she is pure, she is radiant, she is pale, she is endowed with everything . . . O god, have counted something against her, let this woman stand for you in her place. O god, my lord, remove the sickness from Gassuliyawiya!” *CTH 380 §2*, obv. 10-13; §4, rev. 7-15 (Singer et Hoffner 2002, 72).

44 “When she put up Annella, [the maidservant, . . .], Annella said [to my wife as following]: ‘Those which [. . .] the queen [sent (?)] Mezzulla to them [. . .] and [she started] to utter conjurations [. . .]’” *CTH 70 §4' iii 4-22* (Singer et Hoffner 2002, 76). O documento indica que a rainha estaria a ser auxiliada por uma mulher, Mezzulla, referida como **munus.su.gi** (“Mulher Sábia”) que correspondia a uma especialização mágico-medicinal no panorama hitita. Acerca desta, veja-se o estudo de Marcuson (2016).

nanna. Porém, ao saber desta trama, a madrasta terá reagido de forma vingativa, conjurando o agravo da doença, da qual Gaššuliyawiya acabou por falecer:

Why did the queen turn that matter into a sin of my wife? She stands day and night before the gods and curses my wife before the gods. [She . . .] her, and she wishes for her death saying: “Let her die!” O gods, my lords, why do you listen to this evil talk? Did my wife cause any harm to the queen? Did she curtail her power in any way? And yet, Tawannanna killed my wife (*CTH 70* §4’ iii 4-22).⁴⁵

Note-se que, ao referido crescendo no tom da argumentação que foi apresentando, Muršili II urdiu uma trama de acusações bem relacionadas entre si, que conferiam solidez a esta grave acusação. De facto, ao chegar a este ponto da narrativa, a audiência da mesma (escribas, sacerdotes, outros funcionários da corte, e em última instância, os próprios deuses) já estaria convicta de que Tawananna não teria qualquer pudor em fazer uso da sua posição religiosa privilegiada para seu próprio benefício, fosse para arrecadar prata ou para ser auxiliada na condução das suas *vendettas* pessoais. Os cargos e títulos que anteriormente lhe tinham conferido prestígio e autoridade foram, deste modo, usados como meios para justificar a sua alegada conduta criminosa.

O desfecho deste dramático enredo encontra-se descrito num segundo documento, onde Muršili II evoca a consulta oracular que realizou sobre o caso⁴⁶ e que mostrou a gravidade capital dos crimes de Tawananna:

Was it a capital crime for me if she was not executed? I consulted the gods, my lords, and it was determined for me by oracle to execute her . . . But even then I did not execute her; I only deposed her from the office of priestess (*CTH 71* §1 ii 1’- iii 4).⁴⁷

Deste modo, o governante hitita reforça a ideia de que foram os próprios deuses a determinar o destino fatal da sua madrasta. Porém, num ato misericordioso, decide poupar-lhe a vida, optando apenas por bani-la da corte, despojando-a das suas funções religiosas. Em nosso entender, e uma vez mais, esta referência é

45 Singer et Hoffner 2002, 76.

46 Recorde-se que, para estes contextos da antiguidade, conhecer a vontade divina era fundamental, dado o exacerbado teocentrismo da mentalidade religiosa, diacronicamente. Os monarcas, em particular, enquanto eleitos para governar em nome dos deuses, sentiam essa necessidade de forma ainda mais premente, com vista a confirmar que agiam segundo os decretos divinos (Caramelo 2002, 247-8).

47 Singer et Hoffner 2002, 77-78.

intencional e insere-se na estratégia de afirmação e legitimação de Muršili II. Por um lado, frisa a sua natureza clemente perante os alegados comportamentos da antiga esposa principal do seu pai e princesa babilónica, manifestando respeito não só pelas dinâmicas familiares hititas, como pela própria família real da Babilónia. De facto, num contexto político externo marcado por pressões cada vez mais fortes ao Hatti por parte dos poderes egípcio e assírio, hostilizar a Babilónia com a execução de uma princesa sua não seria, de todo, a opção mais prudente.⁴⁸ Por outro lado, o governante hitita aproveitou este aparente ato de clemência para neutralizar uma possível ameaça ao seu poder interno especificamente no âmbito cúltico, já que ele próprio assumiu as funções sacerdotais que a madrasta detinha, no seguimento da sua expulsão.⁴⁹ Paralelamente, e dada a relação de grande intimidade e veneração de Tawananna com a deusa Arinna, tornava-se fundamental garantir que o seu destino no exílio estaria bem assegurado, com vista a evitar que possíveis repercussões divinas recaíssem na sua figura:

Nothing is lacking that she desires. She has food and drink (lit. bread and water) and everything stands at her disposal. She lacks nothing. She is alive. She sees the Sun-god of Heaven with her eyes and eats the bread of life . . . (*CTH 71* §1, ii 1'- iii 4).⁵⁰

Anos mais tarde, porém, o seu filho e sucessor, Hattušili III (c. 1267–1237 a.C.) distanciou-se do comportamento do pai relativamente a Tawananna, declarando numa oração que dedica a Arinna, que era apenas uma criança quando aquela foi expulsa do palácio. O tom apaziguador ali usado, assim como as referências a Tawananna como “serva leal” da deusa,⁵¹ parecem indiciar a artificialidade do processo movido por Muršili II. Paralelamente, e em última análise, consideramos esta tentativa de resgatar a sua memória bastante ilustrativa de como o poder e influência de Tawananna ressoaram pelo tempo, malgrado o trágico desfecho da sua presença no Hatti.

48 Leick 2009, 507.

49 “Now because I deposed [the queen] from priesthood, I will provide for the [offerings] of the gods, [my lords], and I will regularly worship the gods.” *CTH 71* §2' iii 5-27 (Singer et Hoffner 2002, 78).

50 Singer et Hoffner 2002, 78.

51 Veja-se o documento, identificado como *CTH 383*, em Singer e Hoffner (2002, 98).

Conclusões

Perante os eventos acima analisados, podemos (e devemos) questionar se Tawananna terá realmente sido culpada dos crimes que lhe foram atribuídos, ou se estamos perante uma complexa estratégia para anular o seu poder político-religioso, considerado como ameaçador por Muršili II.

Antes de mais, é importante frisar que o recurso ao argumento principal – o uso de magia com objetivos de infligir doença/morte a outrem – era verosímil e mesmo típico no ambiente de Ḫattuša. A documentação hitita atesta o efetivo e amplo uso de práticas mágico-medicinais com objetivos nocivos, algo, aliás, punido com a pena capital. Porém, também assevera o seu uso relativamente comum como elemento catalisador de tramas na corte.⁵² Assim, e tendo em conta o contexto específico dos primeiros anos de reinado de Muršili II, marcados por uma necessidade de legitimar a sua inesperada ascensão ao trono, aliado ao facto de que apresenta uma descrição bastante vaga das práticas mágicas alegadamente realizadas pela sua madrasta, consideramos que a credibilidade da acusação é, no mínimo, questionável.

Não obstante, independentemente de ser ou não verdade que Tawananna procurou atacar/anular o poder do seu enteado com recurso às referidas práticas mágicas, o que importa é que este era um motivo que, se bem arguido pelos acusadores, colhia ampla aceitação pela sua audiência. E, neste sentido, há que sublinhar que a narrativa elaborada por Muršili II foi bem tecida. Como vimos, o governante conseguiu anular a vasta influência e poderio acumulado pela madrasta, recorrendo a um argumentário que se baseava no alegado abuso de poder dos cargos/títulos que, curiosamente, lhe tinham conferido o protagonismo na esfera político-religiosa que esta conquistou paulatinamente. Note-se que, ao colocar em causa a legitimidade da rainha como uma intermediária preferencial da vontade dos deuses, questionava implicitamente se a mesma deveria manter o título poderosíssimo que era, aliás, assumido como o seu nome próprio.

52 Popko 1995, 83. Acerca das práticas mágico-medicinais com fins nefastos, assim como a sua perceção por parte de vários grupos sociais hititas, consulte-se Miller (2010, 167-85).

Paralelamente, o governante hitita foi hábil na forma como projetou a sua própria imagem, mostrando-se paciente e benévolo perante os supostos abusos sistemáticos de Tawananna, tanto contra os cofres do palácio e dos templos do Ḫatti, como também contra si e a sua família. Tal imagem ganhou uma outra dimensão com a sua suposta clemência, já que não a condenou à morte, como ditavam não só as tradições legais hititas, como a vontade das próprias divindades. Mais consideramos que não foi ao acaso que documentou todo este processo e o destinou aos olhos dos deuses, já que segundo a ideologia real hitita eram estes os verdadeiros soberanos cósmicos e, no limite, os responsáveis pela escolha do governante humano. Ao fazê-lo, mandando copiar e arquivar os eventos para memória futura, e como tal disponibilizando esta informação também a uma audiência humana, Muršili II aproveitava esta situação para reforçar a sua legitimidade governativa, no âmbito ideológico e propagandístico interno.

Já no que se refere a Tawananna, importa frisar como esta mulher acumulou um vasto poder, inicialmente através das vantagens que as exigências do seu próprio pai, aquando do contrato de casamento, granjearam, mas depois pela sua própria ação enquanto outra face do trono, ao longo do tempo. Naturalmente, a sua influência político-religiosa tornou-a uma agente vigorosa no seio das estruturas de poder hitita, o que obrigava a uma atenção especial por parte de um novo monarca, que se pretendia afirmar neste palco. Assim, tal como aconteceu com outras mulheres preponderantes na corte real de Ḫattuša, antes e depois, mas também de outros tempos e geografias diversas, a princesa babilónica foi alvo de perseguição, tendo o seu poder e agência sido reduzidos e denegridos através da associação a práticas mágicas nefastas.

Em última análise, a repetição sistemática deste tipo de argumento, ao longo da História, manifesta a urgência em visitar estas figuras femininas, tal como procurámos acima fazer com Tawananna, para melhor enquadrar e compreender estas situações. Ao mesmo tempo, tal poderá resgatá-las da condição depreciativa e profundamente redutora de ‘bruxas’ a que foram confinadas.

BIBLIOGRAFIA

- Arbeli, Shoshana. 1988. "The Removal of the Tawananna from her position." In *Recent Developments in Hittite Archaeology and History: Papers in Memory of Hans G. Guterbock*, eds. K. Aslihan Yener, Harry A. Hoffner, et Simrit Dhesi, 79-85. *Orientalia Lovaniensia analecta* 23. Lovaina: Peeters.
- Bahrani, Zainab. 2001. *Women of Babylon: Gender and Representation in Mesopotamia*. London: Routledge.
- Bawanypeck, Daliah. 2007. "Die Königinnen Auf Den Siegeln". In *VI Congresso Internazionale Di Ittitologia, Roma 5-9 Settembre 2005 (SMEA 49/1)*, eds. Alfonso Archi et Rita Francia 49-58. Roma: Istituto di Studi sulle Civiltà dell'Egeo e del Vicino Oriente.
- Beckman, Gary, Trevor Bryce et Eric H. Cline. 2011. *The Abhiyana Texts*. Atlanta: Society of Biblical Literature.
- Bin-Nun, Shoshana R. 1975. *The Tawananna in the Hittite Kingdom*. Vol. 5. Texte der Hethiter. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag.
- Bryce, Trevor. 1989. "Some Observations on the Chronology of Šuppiluliuma's Reign". *Anatolian Studies*, 39: 19-30.
- . 2004. *Life and Society in the Hittite World*. Oxford: Oxford University Press.
- . 2005. *The Kingdoms of the Hittites*. Oxford: Oxford University Press.
- . 2018. *Warriors of Anatolia: A Concise History of the Hittites*. London, New York: I.B. Tauris.
- Black, Jeremy A. et Anthony Green. 1992. *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia: An Illustrated Dictionary*. London: British Museum Press.
- Budin, Stephanie Lynn et Jean Macintosh Turfa. 2016. *Women in Antiquity: Real Women across the Ancient World*. London, New York: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Caramelo, Francisco. 2002. *A linguagem profética na mesopotâmia: Mari e Assíria*. Cascais: Patrimonia Historica.
- Charpin, D. 2019. "Tu es de mon sang": *Les alliances dans le Proche-Orient ancien*. Paris: Les Belles Lettres.
- Chavalas, Mark W. 2014. *Women in the Ancient Near East: A Sourcebook*. Hoboken, London: Taylor & Francis Group, Routledge.
- Collins, Billie Jean. 2012. *The Hittites and Their World*. Atlanta: Society of Biblical Literature.
- . 2016. "Women in Hittite Religion". In *Women in Antiquity: Real Women across the Ancient World*, eds. Stephanie Lynn Budin et Jean Macintosh Turfa, 329-341. London, New York: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Cordani, Violetta. 2011. "One-year or Five-year War? A Reappraisal of Suppiluliuma's First Syrian Campaign". *Altorientalische Forschungen*, 38(2): 240-53.
- . 2013. "Suppiluliuma in Syria after the First Syrian War: the (Non-)Evidence of the Amarna Letters". In *New Results and New Questions on the Reign of Suppiluliuma I*, eds. Stefano de Martino et J. L. Miller, 43-64. Florença: LoGisma editore.
- De Martino, Stefano. 2013. "The Wives of Suppiluliuma I." In *New Results and New Questions on the Reign of Suppiluliuma I*, eds. Stefano de Martino et J. L. Miller, 65-80. Florença: LoGisma editore.
- Gilan, Amir. 2011. "Hittite Religious Rituals and the Ideology of Kingship". *Religion Compass* 5, 7: 276-85.
- Haas, Volkert. 2008. *Hethitische Orakel, Vorzeichen und Abwehrstrategien: Ein Beitrag zur hethitischen Kulturgeschichte*. *Hethitische Orakel, Vorzeichen und Abwehrstrategien*. Berlin: De Gruyter.

- Herbordt, Suzanne, Daliah Bawanypeck et John David Hawkins. 2011. *Die Siegel der Grosskönige und Grossköniginnen auf Tonbulln aus dem Nişantepe-Archiv in Hattusa*. Mainz: Verlag Philipp von Zabern.
- Hout, Theo Van Den. 1953. “Death as a Privilege. The Hittite Royal Funerary Ritual”. In *Hidden Futures. Death and Immortality in Ancient Egypt, Anatolia, the Classical, Biblical and Arabic-Islamic World*, eds. J. M. Bremer, Theo van den Hout et R. Peters, 37-75. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- . 1998. *The Purity of Kingship: An Edition of CHT 569 and Related Hittite Oracle Inquiries of Tutḫaliya IV*. Leiden: Brill.
- Josué, J. Justel et Agnès Garcia-Ventura (eds). 2018. *Las mujeres en el Oriente cuneiforme*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá.
- Kaefler, José Ademar. 2018. “As Cartas de Tell El-Amarna e o contexto egípcio nos reinados de Amenhotep III e Amenhotep IV (Akenaton)”. *Estudos de Religião* 32, 1: 121-40.
- Klinger, J. 2006. “Chronological Links between the Cuneiform World of the Ancient Near East and Ancient Egypt”. In *Ancient Egyptian Chronology*, eds. E. Hornug, R. Krauss et David A. Warburton, 304-324. *HdO* 1/83. Leiden: Brill.
- Leick, Gwendolyn. 1991. *A Dictionary of Ancient Near Eastern Mythology*. London, New York: Routledge
- . 2009. “A View from Hattusa”. In *The Babylonian World*, 503-14. New York, London: Routledge.
- Liverani, Mario. 2000. “The Great Powers Club”. In *Amarna diplomacy: the beginnings of international relations*, eds. Raymond Cohen et Raymond Westbrook, 15-27. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- . 2001. *International Relations in the Ancient Near East, 1600-1100 B.C.* New York: Palgrave Macmillan.
- . 2013. *The Ancient Near East: History, Society and Economy*. New York, London: Routledge.
- Marcuson, Hannah. 2016. “*Word of the Old Woman*”: *Studies in Female Ritual Practice in Hittite Anatolia*. Tese de Doutorado. Chicago: University of Chicago. <https://knowledge.uchicago.edu/record/720>.
- Melchert, Harold Craig. 1997. *Ablative and Instrumental in Hittite*. Tese de Doutorado. Cambridge, Massachusetts: Harvard University.
- Miller, Jared L. 2010. “Practice and Perception of Black Magic among the Hittites”. *Altorientalische Forschungen* 37, 2: 167-85.
- . 2014. “Mursili II’s Prayer Concerning the Misdeeds and the Ousting of Tawannanna.” In *Proceedings of the Eighth International Congress of Hittitology: Warsaw, 5-9 September 2011*, eds. Piotr Taracha et Magdalena Kapelus, 516-57. Warsaw: Wydawnictwo Agad.
- . 2017. “Political Interactions between Kassite Babylonia and Assyria, Egypt, Hatti during the Amarna Age”. In *Karduniaš. Babylonia under the Kassites 1: The Proceedings of the Symposium Held in Munich, 30 June to 2 July 2011. Untersuchungen Zur Assyriologie Und Vorderasiatischen Archäologie, 11*, eds. Alexa Bartelmus et Katja Sternitzke, 93-111. Boston, Berlin: De Gruyter.
- Moore, Michael. 2018. *Hittite Queenship: Women and Power in Hittite Anatolia*. Tese de Doutorado. Berkeley. University of California. <https://escholarship.org/uc/item/81x0p8m9>.
- Mouton, Alice. 2012. “Hommes et femmes au service des dieux hittites. La répartition sexuée du personnel des temples de l’Anatolie ancienne”. *Revue de l’histoire des religions*, 229: 307-23.
- Parker, V. 2002. “Zur Chronologie des Šuppiluliumaš I”. *Altorientalische Forschungen*, 29(1): 31-62.

- Podany, Amanda H. 2010. *Brotherhood of Kings: How International Relations Shaped the Ancient Near East*. Oxford, New York: Oxford University Press.
- Popko, Maciej. 1995. *Religions of Asia Minor*. Warsaw: Academic Publications Dialog.
- Santos, António Ramos dos. 2011. “Os cassitas: esses desconhecidos?”. *Cadmo*, 21: 51-59.
- Santos, Maria Leonor Figueira. 2017. *O Império Hitita: vestígios arqueológicos e documentais na Síria setentrional*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. <https://run.unl.pt/handle/10362/29901>.
- Singer, Itamar, et Harry Hoffner. 2002. *Hittite Prayers. Vol. 11. Writings from the Ancient World*. Atlanta: Society of Biblical Literature.
- Solvang, Elna. 2003. *A Woman's Place is in the House: Royal Women of Judah and Their Involvement in the House of David*. London, New York: Sheffield Academic Press.
- Stavi, B. 2011. *A Historical Reappraisal of the Reigns of Tudbaliya II and Šuppiluliuma I*. Tese de Doutoramento. Universidade de Tel-Aviv.
- Strauß, Rita. 2006. *Reinigungsrituale aus Kizkuwatna: Ein Beitrag zur Erforschung hethitischer Ritualtradition und Kulturgeschichte. Reinigungsrituale aus Kizkuwatna*. Berlin, New York: De Gruyter.
- Stol, Marten. 2016. *Women in the Ancient Near East*. Berlin: De Gruyter.
- Svärd, Saana. 2015. *Women and Power in Neo-Assyrian Palaces*. State Archives of Assyria Studies 23. Helsinki: Neo-Assyrian Text Corpus Project.
- Taracha, Piotr. 2009. *Religions of Second Millennium Anatolia*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- Teixeira, Rodrigo et Marina Scotelaro. 2018. “Os princípios do sistema internacional no oriente próximo antigo: redistribuição e reciprocidade”. *Estudos internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas* 6: 79-93.
- Ward, William A. 1986. *Essays on Feminine Titles of the Middle Kingdom and Related Subjects*. Beirut: American University of Beirut.



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

OBJECTIVOS E ÂMBITO AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

Cadmo – Journal for Ancient History yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH
-UL

CENTRO DE
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA